

A tradução aqui publicada foi estreada
no Teatro São João (Porto),
no dia 27 de Outubro de 2016.

Os Últimos Dias da Humanidade

de **Karl Kraus**

tradução **António Sousa Ribeiro**

dramaturgia **Nuno Carinhas, Nuno M Cardoso,**
João Luís Pereira, Pedro Sobrado

encenação **Nuno Carinhas, Nuno M Cardoso**

cenografia e figurinos **Nuno Carinhas**

desenho de luz **Wilma Moutinho**

desenho de som **Francisco Leal**

música **Jonathan Saldanha**

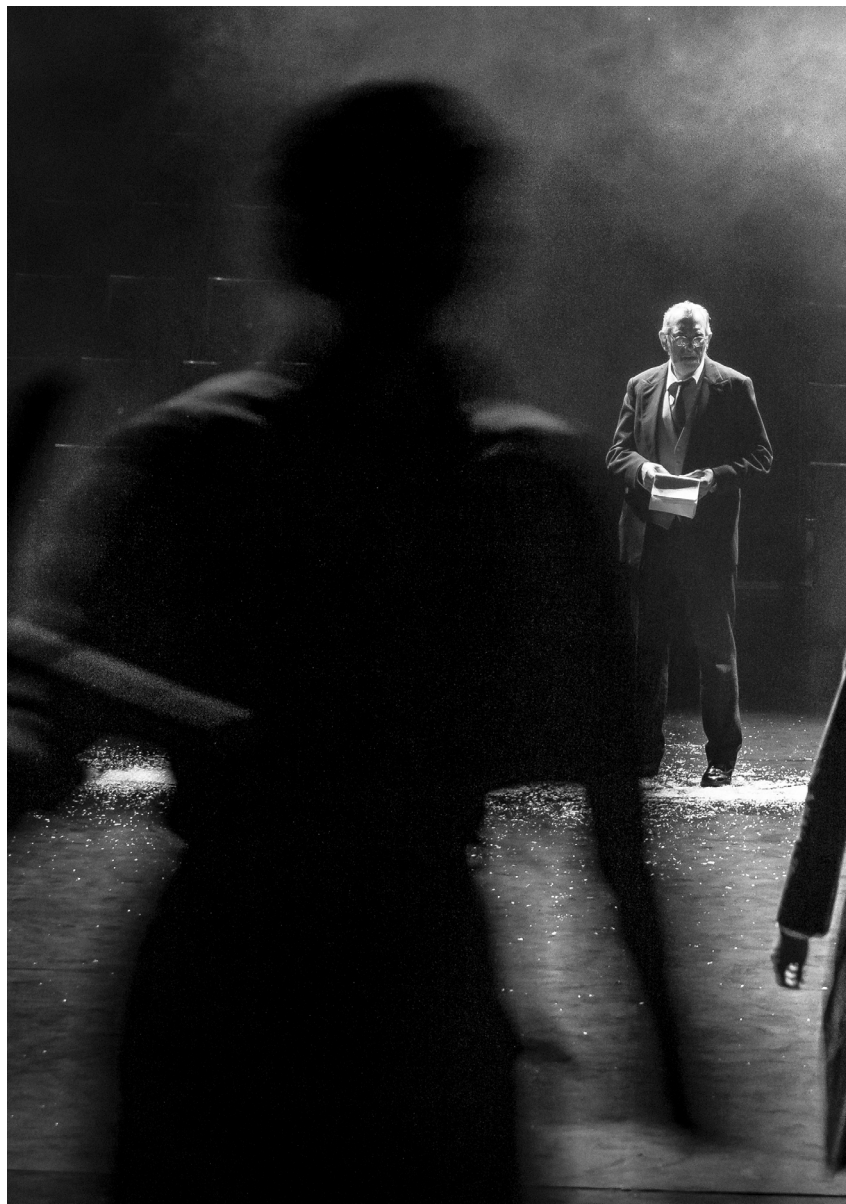
vídeo **Pedro Filipe Marques**

assistência de encenação **Mafalda Lencastre**

interpretação

Ana Mafalda Pereira, Andreia Ruivo, António Durães,
Benedita Pereira, Diana Sá, João Cardoso, Joana Africano,
João Castro, João Lourenço, Mafalda Canhola, Marcello Urgeghe,
Maria Inês Peixoto, Miguel Loureiro, Paulo Calatré,
Paulo Freixinho, Pedro Almendra, Raquel Cunha, Rita Pinheiro,
Sara Barros Leitão, Teresa Arcanjo, Tiago Sarmento

produção **Teatro Nacional São João**





Os Últimos Dias da Humanidade

PREFÁCIO, KARL KRAUS 15

DRAMATIS PERSONAE 19

PRÓLOGO 49

ACTO I 77

ACTO II 263

ACTO III 373

ACTO IV 491

ACTO V 639

EPÍLOGO 843

NOTAS 893

ÍNDICE ONOMÁSTICO 913

POSFÁCIO, ANTÓNIO SOUSA RIBEIRO 935



Prefácio

Este drama, cuja extensão, medida à escala terrena, daria para preencher uns dez serões, destina-se a ser representado por um teatro do planeta Marte. O público do nosso mundo não teria forças para suportá-lo. Pois que é sangue do seu sangue e o conteúdo é parte do conteúdo daqueles anos irreais, impensáveis, inacessíveis a toda a mente lúcida, fora do alcance da memória e só preservados num sonho sangrento, os anos em que figuras de opereta representaram a tragédia da humanidade. A acção, que nos transporta a um cento de cenas e infernos, é inconcebível, retalhada, sem heróis, como aquela outra. O humor não é senão a acusação lançada a si próprio por alguém que não enlouqueceu à ideia de ter suportado testemunhar as coisas deste tempo no seu perfeito juízo. Além dele, que transfere para a posteridade a vergonha de em tal ter tido parte, ninguém mais tem direito a esse humor. Os contemporâneos, que consentiram que acontecesse o que aqui fica registado, renunciem ao direito de rir, em prol do dever de chorar. Os feitos mais inverosímeis aqui relatados aconteceram na verdade; eu pintei o que eles só fizeram.¹ Os diálogos mais inverosímeis aqui travados foram pronunciados nesta exacta forma; as mais cruéis fantasias são citações. Frases cuja absurdidade se inscreveu indelevelmente no ouvido ganham a dimensão da música da vida. O documento é uma personagem; relatos ganham vida como figuras humanas, figuras morrem como editoriais; o artigo

de jornal recebeu uma boca, que o recita em forma de monólogo; os clichés erguem-se sobre duas pernas – houve seres humanos que ficaram só com uma. Há cadências a vociferar com estrondo pelo tempo fora, engrossando até se tornarem no coro de um rito blasfemo. Gente que viveu abaixo da humanidade e que sobreviveu a esta surge – enquanto agente e porta-voz de um presente que não tem carne mas tem sangue, que não tem sangue mas tem tinta – reduzida a espectros e a marionetas e traduzida na fórmula da sua activa insubstancialidade. Carrancas e lémures, máscaras do Carnaval trágico, têm nomes autênticos, porque é assim que tem de ser e porque, justamente, nesta temporalidade governada pelo acaso nada acontece por acaso. Isto a ninguém concede o direito de julgar que se trata de uma questão local. Também o que se passa na esquina da Sirk² é regido a partir de um ponto cósmico. Quem não tiver nervos resistentes, mesmo que os tenha suficientemente fortes para suportar a nossa época, vá-se embora do espectáculo. Não é de esperar que um presente em que isto pôde acontecer veja no horror feito palavras outra coisa que não uma brincadeira, tanto mais quanto ele lhe ecoa aos ouvidos vindo das aconchegadas profundezas dos mais hediondos dialectos, e que veja naquilo que há pouco se viveu, a que se sobreviveu, outra coisa senão uma invenção. Uma invenção cuja matéria não aceita. Porque maior do que toda a vergonha da guerra é a vergonha de os homens já nada quererem saber dela, suportando que haja guerra, mas não que tenha havido. Os que sobreviveram ao tempo dela acham que o tempo dela já passou e as máscaras cumprem, é certo, a quarta-feira de cinzas, mas não querem ser recordadas umas das outras. Como é fundamente compreensível a circunspecção de uma época que, jamais capaz de uma vivência e incapaz de trazer à ideia o que viveu, nem pela derrocada sofrida

se deixa abalar, sente tão pouco a expiação como sentiu o acto cometido, mas, apesar disso, tem suficiente instinto de preservação para tapar os ouvidos perante o fonógrafo das suas melodias heróicas e suficiente espírito de sacrifício para, se necessário, voltar a entoá-las. Pois que há-de haver guerra é coisa que não é minimamente inconcebível para aqueles a quem a palavra de ordem “Agora estamos em guerra” permitiu e protegeu todas as infâmias, mas a quem a admoestação “Agora estivemos em guerra!” perturba o justo descanso dos sobreviventes. Eles sonharam conquistar o mercado mundial – o fim para que nasceram – envergando uma armadura de cavaleiro; têm de contentar-se com o negócio pior de a venderem na feira da ladra. Numa tal disposição de espírito, venham agora falar-lhes da guerra! E talvez seja de recear que um futuro desentranhado de um presente tão brutal não possua, apesar da maior distância, uma capacidade maior de compreensão. Apesar disso, uma tão plena confissão da culpa de pertencer a esta humanidade em algum lugar há-de ser bem-vinda e alguma vez há-de ter utilidade. E “porque estão inda em fúria os espíritos dos homens”, seja convocada ao cadafalso sobre as ruínas a mensagem que Horácio dirige ao renovador:

E deixai que conte ao mundo, que o não sabe,
 Como tudo isto foi; dir-vos-ei, pois,
 De actos corruptos, feros, monstruosos,
 Juízos de acaso, cegos assassínios;
 De mortes pela força e pela astúcia
 E de planos que, falhando, caíram
 Sobre os seus autores: tudo isto eu posso
 Narrar-vos com verdade.³